



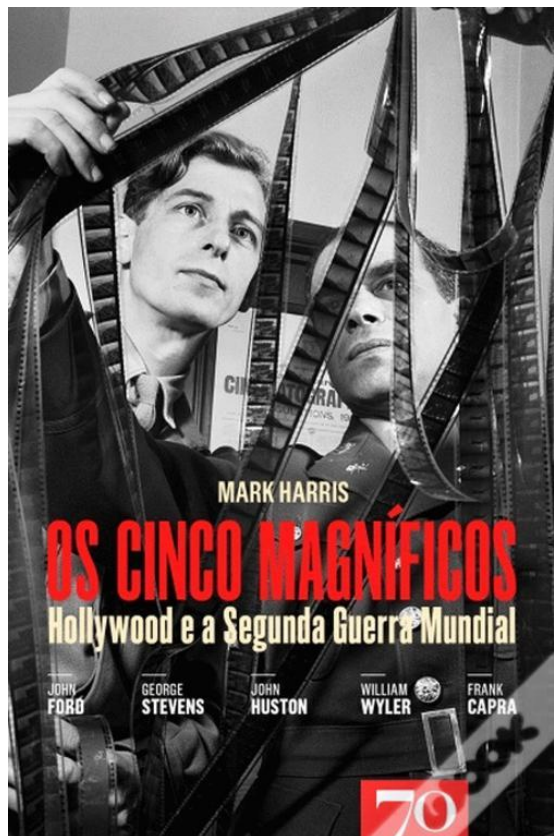
FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO, DE 2021 - 19H00
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

TESOURO DA SIERRA MADRE

Título original: The Treasure of the Sierra Madre

Realização: John Huston (EUA, 1948)



LIVROS DE CINEMA

Não é segredo para ninguém que sou um leitor compulsivo. Leio um pouco de tudo, do romance (nacional e estrangeiro) ao ensaio, da poesia à biografia, do policial à literatura sobre cinema. Sou um homem de paixões, entre as quais se encontram o cinema e a literatura (há outras, um dia falarei delas, enfim se tiver tempo, arte e engenho). Escrever é outra das minhas actividades preferidas, sobretudo escrever sobre o que gosto (às vezes sobre o que desgosto). Por isso não será de estranhar estes textos largamente desenvolvidos em que abuso da atenção e da paciência do leitor, mas, que querem?, paixões são assim: absorventes.

Tenho, por isso uma biblioteca imensa que, por já não caber em casa resolvi oferecer ao município de Setúbal, depois de ter tentado fazer a mesma oferta a Oeiras, sem resultados práticos. Grande parte desta biblioteca, que já estimaram em 80.000 volumes, é relativa a obras sobre cinema. Dos mais de 30.000 livros de cinema que conservo (é verdade: acusam-me de conservar tudo, defeito de quem tem uma formação em

História), muitos são simplesmente de consulta, outros são raridades históricas, outros inutilidades de que não sou capaz de prescindir, e uma centenas de obras indispensáveis. Há livros de crítica de mestre André Bazin, de François Truffaut (sobre Hitchcock), de Lindsay Anderson (sobre John Ford), autobiografias de John Huston, de Luis Buñuel, de Roman Polanski, ensaios de Karel Reiz (sobre montagem), de Eisenstein e Pudovkin (sobre a época de ouro do cinema soviético), de Peter Bogdanovich (sobre Ford), de Marcel Martin (A Linguagem Cinematográfica), que tive o privilégio de traduzir para português, conjuntamente com o saudoso Vasco Granja, entre tantos e tantos outros.

Em português também há alguma coisa a sublinhar, apesar de imperar ultimamente um intelectualismo farfalhado de quem se dá ares de grande importância. Esquecem-se que o mais importante (e difícil) é abordar temas complexos de forma acessível. Esquecem-se, ou nunca souberam, concretizar a ideia. Mas há volumes muito interessantes. António de Macedo foi autor de uma monumental "A Evolução Estética do Cinema" que ficou para a História. E os Dicionários, do Jorge Leitão Ramos, e a grande história do cinema português, de Leonor Areal. E existem muitas traduções magníficas, a não perder.

O que voltou a acontecer agora. Surgiu uma obra de grande envergadura e de uma importância significativa: "Os Cinco Magníficos" (Five Came Back), de Mark Harris. Quem

são os cinco magníficos? John Ford, George Stevens, John Huston, William Wyler e Frank Capra, na medida em que estes foram os cineastas essenciais para o percurso histórico que o livro aborda.

A América de Roosevelt defronta um dilema interno profundo no final da década de 30 do século passado e que se agudizou no início da seguinte: entrar ou não entrar na II Guerra Mundial, ser isolacionista ou participativo. Para mostrar que os EUA devem intervir na Europa para defender a democracia e a liberdade, a administração Roosevelt solicitou a colaboração de Hollywood, chamando para as fileiras das forças armadas alguns realizadores e técnicos para conceberem um conjunto de filmes para explicar essencialmente "Why We Fight" (nome da principal série dedicada a mostrar aos americanos porque devem lutar contra a ameaça das tropas do Eixo). A situação não era muito agradável para os que defendiam a intenção, até ao momento do ataque a Pearl Harbor. A partir daí os americanos perceberam que tanto Hitler como Mussolini ou o Imperador Hiroito podiam invadir o território americano.

John Ford, George Stevens, John Huston, William Wyler e Frank Capra eram, na altura, alguns dos mais importantes e bem-sucedidos realizadores de Hollywood. Todos saídos de grandes êxitos e com carreiras promissoras aceitaram deixar os ordenados de luxo, para integrarem a vida militar, com viagem aos cenários de guerra, onde arriscaram as vidas, e quase nada ganhando economicamente.

"Os Cinco Magníficos" é um estudo e uma análise da sociedade e da política norte americanas desses anos, da sua articulação com a propaganda militar oficial (segundo a hierarquia militar) e com o cinema de Hollywood alistado numa acção patriótica. Confrontos, dúvidas, esperanças, desilusões, coragem e lições de sobrevivência, de tudo um pouco se pode perceber um pouco, através de uma linguagem clara, onde a complexidade das questões não interfere com a acessibilidade da mensagem.

A obra já foi adaptada, em 2017, para uma série documental de 3 episódios, produzida pela Netflix, narrado por Meryl Streep com testemunhos de Francis Ford Coppola, Guillermo del Toro, Paul Greengrass, Lawrence Kasdan e Steven Spielberg.

Os Cinco Magníficos, de Mark Harris / Edições 70.



O TESOURO DA SIERRA MADRE

John Huston tinha acabado de regressar da sua missão durante a II Guerra Mundial, integrado nas forças armadas norte-americanas. Durante três ou quatro anos foi conseguindo que a Warner lhe reservasse os direitos do romance de B. Traven "O Tesouro de Sierra Madre", que ele pretendia adaptar ao cinema e cuja realização queria assumir. Jack Warner lá foi

contemporizando com o esforço de guerra, ele que sempre fora adepto do intervencionismo, e manteve em aberto a hipótese de Huston regressar a Hollywood com a direcção desta obra que se revelaria muito pessoal para o cineasta. Huston fora recrutado depois do grande triunfo de "Relíquia Macabra" (The Maltese Falcon), segundo romance de Dashiell Hammett, que muitos consideram o primeiro filme negro da onda que varreu os EUA entre a década de 40 e a de 50. Era por isso um dos nomes mais acarinhados entre os jovens recém-chegados à realização, sobretudo depois uma carreira brilhante como argumentista.

"O Tesouro de Sierra Madre" bem justificou a espera. No ano da , foi um êxito de público e de crítica e conseguiu uma proeza inédita na noite dos Oscars. Pela primeira vez o pai e

o filho eram premiados com Oscars no mesmo filme: John Huston, filho, como Melhor Realizador e Melhor Argumentista, Walter Huston, pai, como Melhor Actor Secundário. Nomeado para melhor filme, perderia para "Hamlet", de Laurence Olivier. A produção custou cerca de 3 milhões de dólares e as receitas, só na América, durante a estreia, subiram aos 5 milhões. Para a Warner valeu a pena esperar, sobretudo porque se podia orgulhar de ter produzido mais uma obra-prima da



cinematografia norte-americana desses anos.

O argumento é de uma enorme inteligência, de um certo cinismo, como acontecia em quase todos os filmes interpretados por Humphrey Bogart e/ou realizados por Huston, por vezes almas gémeas em certas questões.

Estamos no México, em período de grandes dificuldades económicas e de evidente instabilidade social. Não há empregos, vive-se de pequenos esquemas e de esmolas, quando três homens se encontram e resolvem tentar a sorte juntos. São eles Dobbs (Humphrey Bogart), Howard (Walter Huston) e Curtin (Tim Holt). Sem meios de subsistência (Dobbs vai pedindo uma moeda ao gringo de fato branco com quem se cruza diversas vezes. O gringo é o próprio John Huston), descobrem que podem partir à procura de pepitas de ouro e pesquisá-las bem no interior da Sierra Madre. Quanto mais inóspito for o terreno, melhor, pois assim se desviariam da cobiça de outros pesquisadores. Diante da verdura de dois deles, Howard é a voz da razão e da experiência, que os alerta para os perigos que irão enfrentar. Um dos maiores encontra-se no interior de cada um: a avidez, a febre do ouro, a cobiça, a traição, que fazem matar e morrer. Lá vão eles, serra acima, em busca de riqueza, ao encontro de salteadores de estrada, do tempo inóspito e das fraquezas humanas que lentamente os vão consumindo (sobretudo a Dobbs, aquele que à partida mais longe se estaria de pensar que poderia ser afectado por sentimentos tão mesquinhos).

O romance é muito bom, o argumento de Huston extremamente bem construído, erguendo personagens sólidas, intensas. Os actores são magníficos e não poderiam ser de outra forma para tornar reais as mutações que se vão operando nas personagens de forma tão subtil e complexa. O desenvolver das relações é brilhantemente dado, quer pelo desenho das situações, a secura do diálogo, por vezes através de notas irónicas, quer pelo exemplar trabalho dos actores e a justeza da realização. Se Bogart, num papel não muito habitual nele nessa época da sua carreira, e Holt são notáveis, Walter Huston é fabuloso.

Mas o filme é ainda uma obra notável pelo ambiente e o clima criados, pela direcção artística, pela fotografia, pela partitura musical, tudo concorrendo para essa sensação de à beira do precipício, com os protagonistas a tentarem equilibrar-se perigosamente entre o desespero e a desilusão. Uma obra-prima de um grande realizador que regressou traumatizado dos horrores da guerra que presenciou e nos oferece um (quase) western de uma grandeza majestática sobre a condição humana.



O TESOURO DA SIERRA MADRE

Título original: The Treasure of the Sierra Madre

Realização: John Huston (EUA, 1948); **Argumento:** John Huston, segundo romance de B. Traven; **Produção:** Henry Blanke, Jack L. Warner; **Música:** Max Steiner; **Fotografia (p/b):** Ted D. McCord, Owen Marks; **Direção artística:** John Hughes; **Decoração:** Fred M. MacLean; **Maquilhagem:** Perc Westmore, Betty Delmont, Frank McCoy, Monty Westmore; **Guarda-roupa:** Robert O'Dell, Ted Schultz; **Direção de Produção:** Don Alvarado; **Assistentes de realização:** Richard Maybery, John Prettyman; **Departamento de arte:** Bob Bono; **Som:** Robert B. Lee, Rafael Ruiz Esparza, Edward Ullman; **Efeitos especiais:** Hans F. Koenekamp, William C. McGann, Eddie Craven; **Warner Bros.-First National Picture;** **Intérpretes:** Humphrey Bogart (Dobbs), Walter Huston (Howard), Tim Holt (Curtin), Bruce Bennett (Cody), Barton MacLane (McCormick), Alfonso Bedoya (chefe dos bandidos), Arturo Soto Rangel (Presidente), Manuel Dondé (El Jefe), José Torvay (Pablo), Margarito Luna (Pancho), Robert Blake, Guillermo Calles, Roberto Cañedo, Spencer Chan, Jacqueline Dalya, Ralph Dunn, Ernesto Escoto, Pat Flaherty, Martin Garralaga, Jack Holt, John Huston (Americano de fato branco em Tampico), Francisco Islas, Mario Mancilla, Julian Rivero, Jay Silverheels, Valdespino, Ildefonso Veja, Harry J. Vejar, Ignacio Villalbaz, Clifton Young, etc. **Duração:** 126 minutos; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 30 de Novembro de 1948.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO, DE 2021
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)

A ÚLTIMA SESSÃO

Título original: The Last Picture Show

Realização: Peter Bogdanovich (EUA, 1971) | **Duração:** 121m | **M/12**